

## **Psicologia da adolescência e formação docente: outros diálogos necessários**

André Augusto Diniz Lira

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é refletir sobre as possibilidades e a necessidade de construir uma leitura pós-disciplinar na formação de licenciandos, a partir do diálogo suscitado entre a Psicologia da Adolescência e outras disciplinas/ciências afins. Para tanto, revisito panoramicamente os conceitos de puberdade, adolescência e juventude, nos seus entrecruzamentos e nas linhas tênues que os distinguem, e, também, temáticas contemporâneas que propiciam uma abordagem mais ampla do fenômeno identitário adolescente/juvenil. Proponho que esse diálogo suscite a confrontação da leitura monolítica e dicotômica das ciências, inclusive do mundo “Psi” em suas vertentes individualistas e subjetivistas do ser humano.

**Palavras-chave:** Ensino de psicologia. Formação docente. Adolescência. Juventude. Ciências humanas.

## **Psychology of adolescent and teacher training: other dialogue needed**

**Abstract:** The objective of this essay is to reflect over the possibilities and needs to construct a post-disciplinary reading, during the training of undergraduate students, starting from the dialogue initiated between *Adolescence Psychology* and other courses/sciences related to it. In order to do so, the concepts of puberty, adolescence and youth will be briefly revisited in their overlapping relation as well as in the thin lines that distinguish them, also observing their contemporary themes offering a broader approach of the phenomenon of adolescent/juvenile identity. The dialogue is proposed in order to create the confrontation of the monolithic and dichotomous reading of sciences, including the “Psy” world regarding the subjectivist and individualistic aspects of the human being.

**Keywords:** Psychology teaching. Teacher training. Adolescence. Youth. Human sciences.

## 1 Construindo outros olhares: uma via de mão dupla

A necessidade de definir as fronteiras disciplinares nas ciências foi, por seus efeitos, uma estratégia histórica com consequências díspares que, por um lado, logrou êxito na configuração das ciências, nos recortes do conhecimento realizados para que as mesmas evoluíssem e, por outro lado, demarcou um raio de interpretação rígido e legitimado no campo científico. Mesmo na fase embrionária das ciências houve transgressões desses limites, mas essas foram, em geral, absorvidas pelo viés mecanicista e positivista. Posteriormente, muitas perspectivas se erigiram procurando questionar o estatuto disciplinar, sobretudo, a partir de meados do século passado. A crítica pós-estruturalista/pós-moderna, os Estudos Culturais, a Abordagem Multirreferencial, entre outras perspectivas, questionaram, cada uma a seu modo, as fronteiras disciplinares<sup>1</sup>.

Esse ensaio objetiva refletir sobre as possibilidades e a necessidade de construir um diálogo pós-disciplinar na formação do licenciando, tendo como ponto de partida a discussão sobre a adolescência/juventude no quadro da disciplina *Psicologia da Adolescência*, pautando-se, portanto, na necessidade de complementar e confrontar esse saber disciplinar com outras disciplinas/ciências afins. O caráter do prefixo *pós*, desse diálogo proposto, se reveste da noção de *depois*, *além* e, em alguns casos, de *anti*. É, sobretudo, uma tentativa que falta muito a percorrer se considerada a trajetória histórica da ciência disciplinar.

Essa construção aqui esboçada teve sua origem na própria prática do ensino na Educação Superior, a partir da constatação das limitações da literatura sobre adolescência na Psicologia no Brasil. Enquanto ampliávamos o raio de ação das leituras propostas e do diálogo, na sala de aula, para outras áreas do conhecimento, verificamos que conseguíamos estimular melhor os discentes no aprofundamento da própria Psicologia e de seus próprios interesses de pesquisa, na maioria das vezes, “fora” desse âmbito. No processo de aprendizagem, os discentes se dão conta que as temáticas comuns das ciências humanas se entrecruzam nas discussões de sala de aula.

Observamos também que alguns licenciandos de História e de Sociologia tendiam a desconsiderar os componentes biológicos do comportamento humano, desconhecer as pesquisas transculturais e até questionar, pelo clichê do “relativo”, pesquisas que apresentam uma rica

---

<sup>1</sup> Uma revisão dessas abordagens foge ao escopo deste artigo e já foi realizada por muitos pesquisadores (BARBOSA, 1998; COSTA, 2000; VEIGA-NETO, 1995; MARTINS, 2004; FAGUNDES; BURNHAM, 2001).

Contribuição inclusive em uma perspectiva cultural. Fazer uma ponte para que transitem dos conhecimentos prévios, já consolidados, em suas trajetórias acadêmicas para um conhecimento que lhes é relativamente novo é uma tarefa didática necessária. Isso nos leva a considerar a necessidade de forjar a construção de *Outros Olhares*, outras perspectivas de análise, que abarquem dimensões negligenciadas também nas grelhas disciplinares que se encontram, ou melhor, que nos encontramos.

Nas licenciaturas, as disciplinas de Psicologia são essenciais junto a outros componentes programáticos para ampliar a formação do/a futuro/a professor/a. Em geral, os componentes programáticos solicitados de Psicologia para serem oferecidos nos projetos curriculares dos cursos de licenciatura são Psicologia Educacional (ou da Aprendizagem), Psicologia do Desenvolvimento, ou disciplinas mais específicas como Psicologia da Criança e/ou Psicologia da Adolescência. Para os licenciandos que trabalham com o Ensino Fundamental maior e o Ensino Médio, a justificativa para o estudo da adolescência deve-se ao fato que a “clientela” desses licenciandos será predominantemente de adolescentes ou pré-adolescentes. A reestruturação dos projetos curriculares, no Brasil, tem levado a incorporar o conteúdo do desenvolvimento, em alguns casos, nas disciplinas de Psicologia da Educação, como acontece em alguns cursos de Pedagogia. No caso do curso de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia, o componente curricular da Psicologia da Adolescência pode se apresentar em disciplina específica ou inserida nas disciplinas do desenvolvimento humano.

A revisão crítica que se erigiu da Psicologia, no Brasil, aproximadamente desde a década de 1980, foi sendo progressivamente enriquecida por um conjunto de perspectivas mais culturais e sociais, contraponto à hegemonia do reducionismo psicológico, entenda-se aqui individualista, que era notória na trajetória dessa ciência. Esse questionamento da Psicologia, em nosso meio, esteve vinculado a uma busca por outros referenciais como o de matriz histórico-dialética e progressivamente dando lume a outras abordagens, inclusive aos Estudos Culturais; que se verifica fortemente na Psicologia Social (LANE, 1994; CAMPOS; GUARESCHI, 2009; GUARESCHI; BRUSCHI, 2003). No caso específico da Psicologia da Adolescência, a literatura específica da área situa-se no mundo das ciências “Psi” e da neurociência, sendo frequentes os discursos de natureza biológica, psicológica, psicanalítica e psiquiátrica; neste caso, para além da perspectiva médico-clínica propriamente dita.

A interlocução da disciplina Psicologia da Adolescência com as ciências humanas, notadamente as ciências sociais, é rica, provocante e necessária. Rica, pois a quantidade de pesquisas com a juventude é crescente e diversificada no campo das ciências sociais. Provocante, pois nos faz pensar os limites históricos e epistemológicos da própria psicologia, inclusive a miopia ainda presente em algumas das abordagens sobre a adolescência. Necessária, pois pode nos fazer avançar na direção de um aprofundamento maior das perspectivas mais promissoras até então traçadas, dialogando proficuamente com abordagens mais próximas.

Se, por um lado, a psicologia evoluiu enquanto ciência na incorporação de um olhar mais crítico, por outro, a evolução também se deu no próprio seio das ciências humanas e, nesse tocante, para uma maior interlocução no campo da subjetividade e da/s cultura/s. Alguns casos ilustram essa assertiva. Bourdieu avançou de uma perspectiva mais estruturalista, que caracterizou o início de sua obra, para uma abordagem mais processual e subjetiva, encontrada principalmente em *A Miséria do Mundo* (BOURDIEU, 1997), sem deixar de lado a sua interpretação abrangente traçada e costurada ao longo de sua vasta obra. Guiddens (2002, p. 9) adverte, no início de sua obra *Modernidade e Identidade*, que “não é uma obra de psicologia. A ênfase principal do livro é o surgimento de novos mecanismos de autoidentificação que são constituídos pelas instituições de modernidade, mas que também as constituem”. Ora essa advertência ilustra de modo singular a linha tênue entre uma e outra ciência, ou melhor, de uma para a outra, numa perspectiva de um *continuum*. Um tema como o “eu”, tal como preconizado pelo autor, referido a uma abordagem sociológica é uma evolução, ao meu ver, no próprio quadro desta ciência. Cabe ressaltar ainda a abordagem da sociologia humanista de Bauman e a perspectiva da sociologia do indivíduo de Lahire (2002, 2006), na qual se evidenciam os entrecruzamentos sociais no indivíduo, na denominada *sociologia do indivíduo*.

Vale salientar ainda que há uma rica bibliografia, sobretudo em periódicos, sobre vários temas dos que aqui serão mencionados sob um enfoque psicológico, mas a análise desses excederia a proposta aqui delineada. No Brasil, a produção acadêmica da PUCSP e da UFRGS são fundamentais para se compreender a adolescência em nosso contexto, entre as inúmeras publicações vale consultar as obras de: Ozella (2003), Libório; Koller (2009), Dell’Aglio; Koller (2011). Privilegiaremos aqui as referências de análise de outros enfoques disciplinares, publicados, no Brasil, mais recorrentemente em livros e capítulos de livros, justamente para fomentar e contribuir por uma leitura pós-disciplinar.

Refletiremos, a seguir, sobre as terminologias utilizadas; depois, sobre possibilidades de interlocução em alguns temas contemporâneos cruciais na adolescência e, finalmente, apresentaremos as considerações finais.

## 2 O terreno escorregadio dos conceitos e termos

Na seara dos termos e conceitos, na literatura acadêmica, encontramos *Puberdade, Adolescência e Juventude*, alguns desses termos, muitas vezes utilizados indistintamente.

Na etimologia da palavra, *puberdade* advém de púbis, referindo-se à penugem, ao crescimento de pelos. A puberdade é o termo/conceito mais compreensível por se vincular às modificações biológicas, decorrentes da explosão hormonal, que habilita as crianças a tornarem-se aptos para a reprodução<sup>2</sup>, fazendo aparecer os chamados “caracteres sexuais secundários”<sup>3</sup> e desenvolver os “caracteres sexuais primários”<sup>4</sup>, juntamente com o desenvolvimento físico dos outros órgãos, inclusive do cérebro, substrato material das mudanças cognitivas e afetivas. Na literatura psicológica, essas mudanças físicas são estudadas tendo em vista também os aspectos da subjetividade e do comportamento decorrentes.

A compreensão de que a puberdade refere-se às mudanças físicas e a adolescência à dimensão psicossocial pode obscurecer que essas mudanças biológicas têm os seus correlatos nos processos mentais, cognitivos, afetivos e identitários, já na puberdade, compreendida aqui como uma primeira fase da adolescência, sendo, portanto, concomitantes. Outeiral (1994) afirmou que é cada vez mais frequente casos de crianças, que, estimuladas pelo meio circundante, terminam se tornando “adolescentes” antes de se tornarem púberes. Mas até que ponto podemos entender a adolescência e a puberdade como distintas se também é grande o número de púberes antes dos 10 anos de idade?

As neurociências, a psicanálise e a psiquiatria nos oferecem uma crescente bibliografia para o aprofundamento da puberdade, naquilo que respeita a essas modificações corporais, mas há também limitações, que são inerentes à construção do olhar de cada disciplina. A Psicanálise

<sup>2</sup> Ressalte-se pelo menos do ponto de vista biológico.

<sup>3</sup> “Sinais anatômicos e físicos que distinguem aparentemente os homens das mulheres” (COLE; COLE, 2004, p. 627), não diretamente envolvidos com a reprodução, como o desenvolvimento das mamas, crescimento de pelos pubianos, mudanças na voz, entre outros (BELSKY, 2010).

<sup>4</sup> Órgãos diretamente responsáveis pela reprodução.

produziu uma vasta literatura a respeito dos lutos do corpo infantil, da identidade e dos pais infantis a partir da perspectiva clínica. A neurociência, desde a década de 90, conhecida como a década do cérebro, tem nos legado uma vasta bibliografia para o entendimento do desenvolvimento do cérebro e do comportamento humano, tal como a propensão para os riscos, a evolução do desejo e sexualidade. A perspectiva biologizante e o evolucionismo social infelizmente estão presentes em muitas dessas leituras de forma questionável. Finalmente, a psiquiatria tem nos ajudado a compreender os tênues limites entre a normalidade e anormalidade, em casos distintos envolvendo a corporalidade, a alimentação, a adicção entre outros.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que o termo *adolescência* surge e propaga-se no campo “Psi”, e o termo *juventude* é mais pertinente à literatura das ciências sociais. Há, nesses grandes campos, diferentes abordagens da questão adolescência/juventude, como veremos mais adiante. Atribui-se a G. Stanley Hall o pioneirismo do estudo da adolescência do ponto de vista psicológico. Esse autor circunscreveu a adolescência como uma fase problemática a partir de um paradigma evolucionista. As interpretações posteriores ora refutaram ora confirmaram esse caráter problemático da adolescência, a depender da matriz interpretativa (PALÁCIOS, 1995).

Autores de grande envergadura como Vygotsky (1996), Erikson (1972) e Mead (2015) questionaram, ampliaram e ressignificaram de um modo mais abrangente as perspectivas reducionistas traçadas no início do século passado. Mesmo a teoria psicanalítica notadamente preocupada com a clínica do adolescente, produziu também uma literatura mais aberta à dimensão positiva dessa fase do ciclo de vida. Apesar de uma terminologia ainda confusa, tal como se depreende da “síndrome normal da adolescência” (ABERASTURY; KNOBEL, 1992).

Um exemplo da proximidade na discussão sobre a adolescência e a juventude encontra-se nos critérios de pertencimento e finalização elaborados na Psicologia da Adolescência e na Sociologia da Juventude. Consideremos agora esses critérios.

A finalização da adolescência, na literatura psicológica, tem sido enfocada pela necessidade do estabelecimento de vários critérios demarcatórios para o ingresso na vida adulta, que nos dariam uma margem para um entendimento mais amplo dessa linha tênue. Entre esses critérios temos: a) estabelecimento de uma identidade estável; b) assunção de papéis sexuais, consoante as inclinações pessoais independente das expectativas familiares/sociais ou até mesmo das imposições biológicas do sexo a que pertence; c) possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis; d) tornar-se independente dos pais; e) aceitação do trabalho como parte

integrante da vida; f) construção de um sistema pessoal de valores morais; g) regresso aos pais numa relação baseada numa igualdade relativa (OUTEIRAL, 1994; OSÓRIO, 1992).

Tendo em vista a literatura sociológica, Catani e Gilioli (2008) apontaram critérios de delimitação da juventude, muito semelhantes aos supracitados, que os superpõe: a) determinação de maturidade/imaturidade referidos a dimensão física e psicológica; b) estado de espírito, estilo de vida ou setor de cultura, relacionadas à dimensão cultural e comportamental; c) definição de critérios socioeconômicos, tais como escolarização, independência econômica, casamento etc.; d) faixa etária, que pode variar de 10 a 35 anos, dependendo dos propósitos da definição. Nesse sentido, as pesquisas sobre a juventude, segundo esses autores, poderiam ser consideradas como correlatas ao período da adolescência, incorporando inclusive a puberdade, uma vez que englobaria até sujeitos com 10 anos de idade, e ainda situar-se em uma fase pós-adolescência, visto que abarcaria até pessoas com 35 anos de idade. É frequente também, em nosso meio, o entendimento que a juventude seria posterior à adolescência como se observa inclusive nos títulos dos livros e em várias pesquisas (ver, por exemplo, LIBÓRIO; KOLLER, 2009).

Na opinião dos Catani e Gilioli (2008), os que estabelecem 10 anos de idade como um referencial para a delimitação inicial da juventude levam em consideração “[...] a condição de jovens pobres, que tem poucas possibilidades de viver a infância a adolescência logo se inserindo no mundo do trabalho” (p. 13) e outros estudos estabelecem o marco de 14 anos, que representa a idade legal mínima para o trabalho. O trabalho, portanto, seria um critério fundamental para se caracterizar o jovem. Nessa perspectiva, a maioria das pesquisas de cunho estatístico tem como parâmetro a idade de 15 a 24 anos para definir cronologicamente a juventude.

Observamos que esses critérios de demarcação da adolescência/juventude são muito aproximados, mas enquanto, no campo “Psi”, a compreensão dos mesmos dá-se em um nível mais individual e subjetivo, mesmo que referido ao mundo social, nas ciências sociais o crivo é mais abrangente, incorporando predominantemente os aspectos culturais, grupais e macroestruturais.

Há, como já afirmamos, na literatura sobre a juventude, uma vinculação com o mundo do trabalho, há também, acrescentamos, relação com a visibilidade social e o protagonismo político. Essa vinculação ao mundo do trabalho não pode ser entendida mecanicamente em termos de presença-ausência, mas no cenário maior de onde essa quadro se esboça.

Bourdieu (1983) advertiu, há muitos anos, que deveríamos falar não em *juventude*, mas em *juventudes*, pelo menos duas, em sua ótica, que distinguiria os “jovens” que trabalham e os adolescentes, que por sua origem de classe se encontravam distanciados e livres do mercado de trabalho, ou seja, os estudantes. Entre esses dois polos, do jovem operário ao estudante burguês, haveria muitas posições intermediárias.

Seguindo esse autor, observamos que, nas últimas décadas, o incremento do número de matrículas e uma maior permanência na escola dos antes destituídos da vida escolar fez aprofundar a realidade dos “excluídos do interior”, ao mesmo tempo em que a adolescência se postergou para a além do período da segunda década de vida. Aprofundaram-se, no sistema escolar, as diferenças de classe, de modo que importa tanto o trajeto exitoso quanto à busca e à conquista dos títulos mais raros no campo educacional como forma de distinção.

Diferentemente do exposto acima, no Brasil, segundo Abramo (2005, p. 38), até os anos 60, “a visibilidade da juventude ficou restrita a jovens escolarizados de classe média” e no papel que tinham de protagonistas no cenário político. No último quartel do século passado, a problemática da juventude se perdeu no cenário da defesa e promulgação dos direitos da criança e do adolescente. Nisso, a discussão propriamente dita sobre a juventude se perdeu, entendida como algo “indistinto da infância”. Em meados da década de 90, desenvolve-se uma percepção de juventude, para além, tanto dos setores da classe média quando da adolescência em risco. Nesse último sentido, emerge a presença de novos atores juvenis, com estilos culturais diferentes, principalmente das camadas populares.

Para Abramo, a noção de juventude, apesar das variações conceituais elencadas, refere-se historicamente à experiência dos jovens burgueses que, na modernidade, puderam “viver a juventude”. Contudo, hoje a questão não é mais sobre a possibilidade de se viver a juventude, mas sobre os diferentes modos que se pode vivenciá-la. Isso levou, nas últimas décadas, ao desenvolvimento de um conjunto de pesquisas sobre as culturas juvenis, articuladas quase sempre a noção de *tribos urbanas*. Nesse sentido, partindo da antropologia urbana, Magnani (2007), para se contrapor e complementar a noção de *tribos urbanas* ou *culturas juvenis*, forjou o termo *circuitos de jovens*. Para o autor, a utilização nos estudos da terminologia *tribos urbanas* quase sempre se dá de forma acrítica, inclusive termina no cotidiano a ser associada a uma carga de preconceito decorrente da noção de conflitos tribais, e *culturas juvenis*, por seu turno, remete à ideia de estilos juvenis na vinculação com as subculturas.

### 3 O terreno fértil das temáticas

A Psicologia da Adolescência trata de uma série de conteúdos atuais que se não são típicos ou exclusivos dessa fase do ciclo da vida, são essenciais para se compreender, principalmente, a adolescência contemporânea. Seu raio de ação incorpora temas diversos que transcendem a grelha disciplinar do Olhar Psicológico, entrecortam uma série de áreas, disciplinas do conhecimento, saberes e práticas profissionais.

Além dessa necessidade de pós-disciplinaridade, aludida acima, convém sublinhar que apesar de, no Brasil, termos excelentes livros traduzidos sobre o desenvolvimento humano e específicos sobre a infância e adolescência, esses livros, em sua maioria, retratam a cultura americana ou mesmo fazem uma leitura transcultural muito genérica dos resultados dessas pesquisas (ROGOFF, 2005; COLE; COLE, 2004; BELSKY, 2010; PAPALIA; OLDS, 2000)<sup>5</sup>. Os dados das pesquisas nem sempre são atuais, decorrentes do trabalho necessário para que sejam feitas as traduções.

Uma das formas de tornar mais concreto e atual para nossos estudantes o estudo das culturas juvenis é recorrer aos resultados encontrados nas ciências sociais, na sociolinguística, educação, constituindo, assim, uma leitura obrigatória em nosso meio (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2006; FREIRE FILHO, 2007; SOUZA, 2008; MAIA, 2008; VELHO; DUARTE, 2010). Em outros temas, igualmente são necessárias essas incursões. A religiosidade jovem é pouco explorada na psicologia brasileira, sendo necessário também recorrer a estudos na área de sociologia, antropologia e ciências da religião (ver entre outros: RIBEIRO, 2009; MAFRA; ALMEIDA, 2009). Pode-se encontrar excelentes textos sobre a realidade midiática na linguística, inclusive trabalhos sobre a interação dos jovens (ver, nesse sentido: COUTO; ROCHA, 2010) e é imprescindível uma leitura atenta do livro de Magnani e Sousa (2007), *Jovens na Metrópole*, para a efetivação de qualquer trabalho sobre o espaço urbano, inclusive também de etnografias com grupos de jovens.

É na antropologia e na história que encontramos um terreno fértil para elucidar a historicidade da adolescência. O estatuto da infância, tal como conhecemos, advém da modernidade, mas a adolescência é um fenômeno mais recente do século XX. As referências dos livros de Adolescência/Juventude sobre essa história são esparsas, ocasionais e em algumas vezes

---

<sup>5</sup> Traduzidos em sua grande maioria pela editora Artmed, atualmente Grupo A.

até desfocadas. A referência frequente ao livro “História Social da Criança e da Família” de Ariès (1981) nos cursos e livros sobre a infância e a adolescência tornou-se um lugar comum, estimulou também pesquisas em diferentes países no afã de desconstruir a naturalidade das fases/idades da vida. Concordamos com Priore (2010, p. 11) que a literatura internacional “pode servir de inspiração, mas não de bússola”. Nesse sentido, o livro *História das Crianças no Brasil* (PRIORE, 2010) é um monumento necessário e útil para conhecermos melhor essa jornada.

Em nosso meio, como bem reconheceu essa historiadora e o antropólogo Gilberto Velho (2006), Gilberto Freyre foi um pioneiro na história social da família. Ressaltemos também que, antes do referido livro francês supracitado, Gilberto Freyre já pontuava uma história da infância e da família, no seu monumental livro *Casa-Grande e Senzala*, dando continuidade em *Sobrados e Mocambos* (FREYRE, 2006, 2011), pontificando que só uma “história menino que revela o homem”. Isso se daria por meio de uma história sociológica, psicológica e antropológica para se fazer, enfim, uma história do brasileiro.

Na temática da sexualidade, várias possibilidades de interlocução são possíveis. É novamente Priore que nos brinda com a *História do Amor no Brasil* (2006) e mais recentemente com *Histórias Íntimas erotismo e Sexualidade na História do Brasil* (2011). Essas leituras podem ser sugeridas como aprofundamento principalmente para estudantes de história e constituem referências fundamentais para ilustrar e introduzir, em nosso meio, como se engendra e articula a vida íntima, os relacionamentos amorosos e o poder no Brasil.

Bauman (2004) apresentou uma rica contribuição para o entendimento dos relacionamentos amorosos, partindo da realidade contemporânea europeia, dos vínculos que se estabelecem de modo muito frágil, em uma relação de trocas rápidas como se fosse uma mercadoria, no “mercado” dos relacionamentos. Essa fugacidade dos relacionamentos figura, no cotidiano, como uma opção para não se envolver demais e terminar por perder outras oportunidades. Essas mudanças afeitas à efemeridade dos relacionamentos, fruto das novas gerações, contrapõe-se frontalmente os anseios mais românticos (e duradouros) das gerações anteriores, a qual ainda nos situamos. Ressaltamos, anteriormente, entre os critérios para a finalização da adolescência a “relação duradoura”. Teria essa duração o mesmo sentido das gerações anteriores?

De fato, nos dias atuais, nos meios juvenis, os relacionamentos já exibem esse caráter mais transitório, livre e descompromissado. Nossos alunos e alunas, jovens universitários, já não

se assustam com essas mudanças e questionam também outras leituras adultocêntricas do fenômeno da adolescência. É o caso, por exemplo, da leitura que o psicanalista Calligaris (2000) faz dos “adolescentes que se enfeiam” por usar piercings, cuecas à mostra e outros elementos típicos da cultura jovem.

Várias pesquisas são desenvolvidas sobre gênero, sexualidade, gravidez, maternidade, tendo como referencial as ciências sociais encontrando-se como capítulos de livro, artigos e livros (entre outros, HEILBORN, 2005, 2006); e, nesse sentido, são essenciais para a compreensão da psicologia das novas gerações. Acrescente-se também que a corporeidade é uma temática na qual se pode muito frequentemente colher frutos das outras ciências (FRAGA, 2000; GOLDENBERG, 2009, 2010; SANT’ANNA, 2005; LE BRETON, 2006).

A temática da violência encontra na sociologia uma imprescindível contribuição em seus aspectos mais gerais e é crescente a quantidade de educadores que têm investigado essa problemática na escola (ver: GONÇALVES; TOSTA, 2008). Vale salientar que alguns desses estudos pouco contribuem para a prática pedagógica.

#### **4 Considerações Finais**

Uma das finalidades deste texto foi construir um diálogo mais amplo com os leitores que o enquadramento da perspectiva disciplinar das ciências e, por conseguinte, da Psicologia, nos legou. Partimos da realidade das disciplinas (componentes programáticos) oferecidos aos licenciandos, analisamos termos e propomos um conjunto de possibilidades de aprofundamentos temáticos, diríamos em uma perspectiva pós-disciplinar.

A discussão sobre a necessidade de colocar a disciplina da Psicologia da Adolescência em um quadro pós-disciplinar poderia, na verdade, abarcar outras disciplinas notadamente nas ciências humanas onde as temáticas se cruzam e reverberam de modos distintos em várias facetas do ser humano. Como afirmou Santos (2002, p. 48): “A fragmentação pós-moderna não é disciplinar e sim temática. Os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros.” .

Isso não nos deixa em um solo firme, mas em um terreno cambiante, no qual podemos estar juntamente com outros para compreender o mundo social, complexo demais para ser satisfatoriamente compreendido por esforços unidimensionais. Emerge ainda certo temor do risco

de demolição das grelhas disciplinares. São elas que forjaram um *habitus* de lidar com os objetos do conhecimento.

A forma como aprendemos e ensinamos, na Educação Superior, alinha-se ao quadro do conhecimento disciplinar. O nosso regime de leituras e pesquisas quase sempre ratifica uma determinada abordagem seja psicológica, sociológica, histórica e assim por diante. A própria estrutura curricular dos cursos superiores reflete essas práticas. Daí a sensação inquietante da condição de alguns autores que transitam furtivamente em áreas próximas, quebrando as nossas expectativas. Lucidamente, reflete Santos (2002, p. 50): “[...] podemos perguntar se Foucault é historiador, filósofo, sociólogo ou cientista político.” Uma pergunta nitidamente disciplinar e que não encontra, nessa matriz, uma resposta adequada.

### Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Persel Abramo, 2005. p. 37-72.
- ALMEIDA, M. I. M. de; EUGÊNIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: UFScar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BELSKY, J. **Desenvolvimento humano**: experienciando o ciclo de vida. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CAMPOS, R. H. de F.; GUARESCHI, P. A. (Orgs.). **Paradigmas em psicologia social**: a perspectiva latino-americana. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CATANI, A. M.; GILIOLI, R. de S. P. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Unesp, 2008.
- COLE, M.; COLE, R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COSTA, M. V. **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. (Orgs.). **A vida no Orkut**: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.
- DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Adolescência e juventude**: vulnerabilidade e contextos de proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- Quaestio, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 227-240, maio 2016.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FAGUNDES, N. C.; BURNHAM, T. F. Transdisciplinaridade, multirreferencialidade e currículo. **Revista da FAGED**, Salvador, p. 39-55, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1386/1/2013.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

FRAGA, A. B. **Corpo, identidade e bom mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

FREIRE FILHO, J. **Reinvenções de resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Maud X, 2007.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

GOLDENBERG, M. (Org.). **O Corpo como capital**: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GONÇALVES, L. A. O.; TOSTA, S. P. (Orgs.). **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUARESCHI, N. M. de F.; BRUSCHI, M. E. (Orgs.). **Psicologia social nos estudos culturais**: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

GUIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HEILBORN, M. L. et al. **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond; Fio Cruz, 2006.

\_\_\_\_\_. et al. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LAHIRE, B. **Homem plural**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LANE, S. T. M. Psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social**: o homem em movimento. 13. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. p. 10-19.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

LIBÓRIO, R. M. C.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Adolescência e juventude**: risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MAFRA, C.; ALMEIDA, R. (Orgs.). **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Fapesp; Terceiro Nome, 2009.

MAGNANI, J. G. C. Introdução: circuito de jovens. In: MAGNANI, J. G. C.; SOUSA, B. M. de. (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. p. 14-22.

MAGNANI, J. G. C.; SOUSA, B. M. de. (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAIA, C. L. **Entre gingas e berinbaus**: culturas juvenis e escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- MARTINS, J. B. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 85-94, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a06.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2006.
- MEAD, Margaret. A adolescência em Samoa. In: MEAD, M.; BENEDICT, R.; SAPIR, E. **Cultura e personalidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: estudos sobre a adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PALÁCIOS, J. O que é a Adolescência. In: COLL, C. et al. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 263-272.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, D. E. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PRIORE, M. Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: PRIORE, M. Del. (Org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-17.
- \_\_\_\_\_. **Histórias íntimas erotismo e sexualidade na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.
- RIBEIRO, J. C. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Loyola; Olho D'Água, 2009.
- ROGOFF, B. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SANT'ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- SANTOS, B. de S. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2002.
- SOUZA, V. G. **Meninas-adolescentes: rituais, corpo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- VEIGA-NETO, A. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. (Orgs.). **Juventude contemporânea: cultura, gostos e carreiras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. Épilogo: juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M. I. M. de.; EUGÊNIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 192-200.
- VYGOTSKY, L. S. Paidología del adolescente. In: VYGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas IV**. Madrid: Visor, 1996. p. 9-223.

André Augusto Diniz Lira - Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande | PB | Brasil. Contato: andreaugustoufcg@gmail.com

Artigo recebido em: 5 out. 2014 e  
aprovado em: 14 maio 2015.